

Mazzaropi: simples na arte de fazer milhões

Livro revê os caminhos que transformaram o astro de 'Jeca Tatu' em sinônimo de 'blockbuster' no cinema nacional

Rodrigo Fonseca

Lá pela 50ª página de "Sai da frente! — A vida e a obra de Mazzaropi", da paulista Marcela Matos, que a editora Desiderata lança esta semana, já se percebe um exemplo único de faro comercial. Exemplo que, de chapéu de palha e calça "pega-frango" (de canela de fora), protagonizou os *blockbusters* rurais "Jeca Tatu" (1959) e "Casinha pequenina" (1963). Ambos contabilizaram oito milhões de pagantes cada. Ambos alimentaram a lenda de que apenas com o público de Taubaté — cidade onde Amácio Mazzaropi (1912-1981) construiu casa, produtora (PAM Filmes) e um império comercial — seus longas-metragens já se pagavam. E, em 30 anos de cinema, ele teve a chance de estrear 32 longas, dos quais 14 ele dirigiu.

— Mazzaropi morreu fazendo sucesso. Ele fazia uma espécie de laboratório de suas piadas nas apresentações de circo que fez ao longo de toda a sua vida. Ali, ele testava o que o público queria — diz Marcela Matos, autora de uma biografia que descarta fofocas e opta por um contexto estético e comercial.

Inovações nas estratégias para distribuir longas

Marcela evita os mexericos de Candinha em torno do passado de Mazzaropi — incluindo o boato de que ele, supostamente homossexual, aplicava "testes do sofá" para aspirantes a galãs. A jornalista de 41 anos prefere rever os caminhos pelos quais o astro de "O gato de madame" (1956) se transformou em sinônimo de cinema lotado no Brasil dos anos 1950 e 1960. Filho do ita-



AMÁCIO MAZZAROPI (1912-1981) estrelou 32 longas em 30 anos, dirigindo e produzindo também

liano Bernardo Mazzaropi e da descendente de portugueses Clara Ferreira, o ator, nascido em São Paulo, instalou-se com os pais em Taubaté em 1914, aos 2 anos. Ele saiu de lá aos 14, para excursionar com um espetáculo teatral ambulante. Em 1940, conseguiu dinheiro para fundar sua própria companhia, o Pavilhão Mazzaropi, cuja aceitação popular acabou lhe abrindo as portas para o rádio. Seu êxito radiofônico, seguido por uma passagem pelo programa "Rancho alegre", da TV Tupi, atçou a confiança do cinema por ele.

— Mazzaropi confrontou o modelo da Vera Cruz (*companhia em cujos estúdios, instalados em São Bernardo do Campo, foram produzidos 18 longas-metragens entre 1949 e 1954, a partir de um molde industrial europeizado*), que contratava profissio-

nais estrangeiros pagando milhões e acabou falindo. A lógica de Mazzaropi era outra: a da simplicidade — diz Marcela. — Para suas produções, ele comprava os melhores equipamentos, mas pagava salários módicos aos funcionários. Não pagava muito, mas pagava em dia. Isso fazia com que as mesmas pessoas quisessem continuar filmando com ele sempre. Quando percebeu que a força da televisão poderia desgastar o cinema brasileiro, ele entendeu que deveria fazer apenas um filme por ano, para se preservar.

Até os anos 1970, os longas coloridos de Mazzaropi, como "Portugal... minha saudade" (1973), continuaram a atrair espectadores. Mas de 1951, quando estreou, em "Sai da frente", até "Uma pistola para Djeca" (1969), ele reinou na preferência cinéfila do interior paulista.

— Naquela época, o grande mercado de cinema no Brasil era São Paulo, que abrigava um grande número de migrantes de todos os lugares do Brasil. E o interior paulista emergia já como uma grande força — diz Paulo Sérgio Almeida, do site Filme B, que analisa a saúde financeira do cinema nacional. — Seu grande trunfo foi trabalhar a identificação, a chamada caipirice do brasileiro simples, que tentava existir procurando uma forma de diversão.

Segundo Paulo Sérgio Almeida, na distribuição, Mazzaropi introduziu novidades:

— Cada cópia de seus filmes tinha uma pessoa responsável que acompanhava sua trajetória, indo com ela a todos os lugares. Ao mesmo tempo, esta pessoa fazia o transporte, a publicidade nas cidades, a fiscalização das bilheterias. Era uma

Arquivo